

3

O templo na religião de Israel

A fala do profeta na data histórica da inauguração do primeiro templo (cf. 1Rs 8,1-3.65; Ag 2,1), iniciada com indagações referentes ao templo salomônico àquele que sobreviveu ao exílio babilônico (cf. Ag 2,2-3), seguida de palavras de encorajamento com a garantia da presença de YHWH que agirá em favor do templo (cf. Ag 2,4-8) e terminando com a promessa final da glória do segundo templo que ofuscará o primeiro templo (cf. Ag 2,9), demonstra a importância do templo salomônico que deveria ser reconstruído para que a prosperidade retornasse a Jerusalém (cf. Ag 1,9).

O templo salomônico, instituído pela monarquia, foi um marco na história de Israel por trazer um desenvolvimento no que diz respeito ao culto israelita no aspecto da organização, instituição e celebração¹³⁹.

Além disso, o templo salomônico oficializou e centralizou em Jerusalém¹⁴⁰ o culto a YHWH e foi também uma forma direta de garantir e legitimar a estabilidade da dinastia davídica que edificou e assumiu a manutenção do templo, além de ser o local para onde afluiu um grande contingente de pessoas que viriam de várias regiões do país, fato este causado pela centralização do poder político e religioso num único local¹⁴¹.

¹³⁹ Cf. ALBERTZ, Rainer. *Historia de la religion de Israel en tiempos del Antiguo Testamento. De los comienzos hasta el final de la monarquia*. vol 1. p. 231.

¹⁴⁰ Segundo Bright a transformação de uma cidade não israelita em capital do Reino demonstra um desligamento da ordem tribal. (cf. BRIGHT, John. *História de Israel*. p. 248). Jerusalém, a antiga cidade dos jebuseus, conquistada por Davi e transformada em capital do reino unido, manteve-se habitada por jebuseus sendo isto um fator significativo para a prática cultural que adotou formas cananeias, surgindo assim um sincretismo oficial de culto onde o javismo passa a adotar formas culturais cananeias, criando uma religião de Estado que perdurará no Reinado de Davi e Salomão e também durante os Reinos divididos como forma de evitar tensões entre israelitas e cananeus. (cf. ALBERTZ, Rainer.op. cit., p. 241). (cf. FOHRER, Georg. *História da Religião de Israel*. pp. 163-165). (cf. GUNNEWEG, Antonius H.J. *Teologia Bíblica do Antigo Testamento. Uma história da religião de Israel na perspectiva bíblico-teológica*. p. 172). No entanto, Jerusalém só obteve um status de “verdadeira capital” com concentração de poder político e econômico, após a queda do Reino do Norte em 722 a.C. (cf. RÖMER, Thomas. *A chamada história deuteronomista. Introdução sociológica, histórica e literária*. p. 108).

¹⁴¹ Cf. ALBERTZ, Rainer. *História de La religion de Israel en tiempos del Antiguo Testamento*. vol 1. pp. 231-233.

3.1.

O templo salomônico no contexto do Antigo Oriente

O templo de Jerusalém construído e administrado pela monarquia seria um antigo santuário jebuseu¹⁴² que foi transformado por Salomão em um esplendoroso templo. Este santuário ficava localizado ao noroeste da atual “cúpula da rocha” da mesquita muçulmana na colina de Sião, onde estava a fortaleza conquistada e edificada como cidadela de Davi (cf. 2Sm 5,6-7)¹⁴³.

A colina encontrava-se abaixo dos montes que a cercavam e de acordo com os Salmos (cf. 78; 68; 87,2; 132,13) foi o local eleito por YHWH para colocar o seu nome, passando, portanto, a ser chamado de o “monte santo” e “monte de YHWH”¹⁴⁴.

A relação de santuários com colinas aparece nas religiões Egípcia, Mesopotâmica e Cananea. No antigo Egito, os santuários mais importantes faziam menção em seu interior a uma colina que representava o início de um mundo ordenado e apresentava o seu deus criador que, por sua presença nesta colina, tornava-a um lugar de força vital e prodigiosa de modo que, os mortos ali representados obtinham a regeneração¹⁴⁵.

Já nos santuários Mesopotâmicos, a colina representava as origens do mundo. A colina aparece relacionada com os chamados *Ziggurat* que eram construídos em degraus, com a função de unir céu e terra, tal qual o cume de uma montanha. No poema babilônico da criação (Enuma Elish) relata-se que o principal templo da Babilônia, o

¹⁴² O grupo de autores, redatores ou compiladores chamados de “escola deuteronomista” (cf. RÖMER, Thomas. *A chamada história deuteronomista. Introdução sociológica, histórica e literária*. p. 53), afirmam que, a arca havia sido colocada em uma tenda (cf. 2Sm 6,17; 7,2; 1Rs 1,39; 2,28) para levantar a ideia de que, o templo salomônico foi uma construção inédita de Salomão, feita em um terreno virgem, ocultando o fato que em Jerusalém já havia um santuário. O texto de 2Sm 12,20 relata a ida de Davi à casa de YHWH depois da morte de seu primeiro filho com baṭ-šēḇa. O relato de 1Rs 1,51-53 com o seu paralelo em 1Rs 2,28, parece demonstrar uma ideia de um templo já estabelecido, pois, não há a menção de tenda de YHWH. (cf. ALBERTZ Rainer. op. cit., p. 235-236). Os relatos de 2Sm 24,16-25 e 1Cr 21-22-1, relatam que Davi adquiriu o terreno onde seria construído o templo de um jebuseu e ali construiu um altar indicando onde seria construído o templo, assim como também fez a comunidade pós-exílica antes de iniciar a construção do segundo templo (Esd 3,1-3). Para Donner, este relato (cf. 2Sm 24,16-25) seria ao mesmo tempo uma etiologia que, fundamenta o terreno do templo como propriedade da família de Davi e ao mesmo tempo uma anti-etologia para negar a relação do terreno do local do templo salomônico com o santuário jebuseu de Jerusalém. (cf. DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*. vol.1. p. 257 nota 28).

¹⁴³ Cf. ALBERTZ Rainer. op. cit., p. 237.

¹⁴⁴ O monte Sião estava a 66 metros abaixo do monte das Oliveiras, a 16 metros do monte Scopus, 33 metros abaixo da colina a oeste a Sião cristã e 53 metros abaixo de rās el mebakker. (cf. KEEL, Othmar. *La iconografía del Antiguo Oriente y el Antiguo Testamento*. p. 110).

¹⁴⁵ Cf. KEEL, Othmar. *La iconografía del Antiguo Oriente y el Antiguo Testamento*. p. 109.

Esagila, foi erguido após a vitória de Marduk sobre os deuses do caos (Tiamat, Quingu), sendo assim apresentada a origem de um mundo¹⁴⁶.

Entre os cananeus em Ugarit, Baal após a sua vitória sobre o caos representado pelo deus do mar “Yam”, recebe um templo em *Zaphon* a montanha divina ao norte de Ugarit¹⁴⁷.

A construção de templos em lugares elevados representa, portanto, uma dimensão contrária ao abismo, poço profundo que representa caos e morte¹⁴⁸.

O templo salomônico construído em um lugar elevado corresponde dentro deste contexto ao costume dos povos do Antigo Oriente, onde os templos eram construídos sobre uma colina ou montanha e dedicados aos deuses pelas suas vitórias¹⁴⁹.

Outro ponto que chama atenção é o fato que a narrativa bíblica do templo salomônico, no que diz respeito à decisão de construir o templo (cf. 1Rs 5,15-19), aquisição do material para a construção (cf. 1Rs 5,20-26), a descrição da força de trabalho (cf. 1Rs 5,27-32), da mobília e decoração (cf. 1Rs 6-7) e a dedicação do templo (cf. 1Rs 8), também é encontrado na literatura Mesopotâmica e assemelha-se a relatos de construção de templos assírios¹⁵⁰.

O templo salomônico, segundo a descrição de 1Rs 6,2 – considerando-se um côvado 45cm¹⁵¹ –, media 27m de comprimento, 9m de largura e 13,50m de altura. Possuía três partes: o *Ulam* que era o átrio, o *Hekal* que era o salão ou nave do templo e o *Debir* que era o santo dos santos ou lugar santíssimo onde ficava a arca. Este tipo de estrutura em pedras talhadas em forma retangular alongada e feita de madeira do Líbano mostra-se consoante ao padrão de templos Sírio-palestino, com pórtico, nave e camarim¹⁵².

¹⁴⁶ loc. cit. Cf. CARREIRA, José Nunes. *Literaturas da Mesopotâmia*. pp. 111-121.

¹⁴⁷ Cf. KEEL, Othmar. op.cit., p. 109.

¹⁴⁸ loc. cit.

¹⁴⁹ Segundo FOHRER, o desejo do Rei Davi de construir um templo a YHWH reflete um costume cananeu em que os Reis construía templos para os seus deuses em gratidão pelas conquistas. (cf. FOHRER, Georg. *História da Religião de Israel*. p. 163).

¹⁵⁰ Cf. RÖMER, Thomas. *A chamada história deuteronomista. Introdução sociológica, histórica e literária*. p. 102.

¹⁵¹ Toma-se por base a lista de medidas apresentada na Bíblia de Jerusalém nova edição revista e ampliada ed. Paulus, 3ª impressão 2004. p. 2192.

¹⁵² Cf. ALBERTZ, Rainer. *História de La religion de Israel en tiempos del Antiguo Testamento*. vol 1 p 228. Cf. DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*. vol.1. p. 257-258. Segundo dados arqueológicos, as medidas apresentadas pelo texto bíblico são superiores tornando-se incompatíveis com as medidas da Jerusalém do sec. X a.C. (cf. LIVERANI, Mario. *Para além da Bíblia. História antiga de Israel*. p. 135-136, 397).

De acordo com 1Rs 5,1-18 a estrutura e a decoração do templo salomônico no padrão de templo sírio-palestino, é devido à mão de obra estrangeira ¹⁵³.

As duas colunas erguidas diante do pórtico, que se aproximavam mais da arquitetura do período persa (539-333 a.C) do que da primeira Idade do Ferro (1150-900 a.C), mediam 8,10m de altura e 5,40m de circunferência e em seu topo receberam capteis de bronze medindo 2,25m de altura ornamentados com redes e romãs (cf. 1Rs 7,15-22 e Jr 25,21-23)¹⁵⁴. Estas colunas receberam os nomes יָכִין (yākīn) e בִּעֹז (bô‘az)¹⁵⁵. É um tipo de ornamentação comum em templos do Antigo Oriente que o representam como o local onde está o âmbito da vida¹⁵⁶.

No “esplendoroso templo salomônico” também chama atenção מוֹצֵק הַיָּם “o mar fundido” (cf. 1Rs 7,23), que estava sustentado por doze bois (cf. 1Rs 7,25). O mar representava as águas do caos que foram dominadas e sujeitadas quando do surgimento do mundo e os bois representavam a fertilidade¹⁵⁷.

No *debir* ficava a arca e dois querubins de madeira de oliveira, cobertos de ouro, com 4,5 metros de altura (10 côvados, cf. 1Rs 6,23-28; 2Cr 3,10-14), que com suas asas formavam um trono para evidenciar YHWH como o Deus que está entronizado sobre os querubins (cf. Sl 80,2; Sl 99,1), fazendo uma representação de YHWH de forma invisível¹⁵⁸. No Antigo Oriente a imagem de querubins formando trono foi muito popular em Canaã e na Fenícia¹⁵⁹.

A concepção de morada de uma divindade, devido à arquitetura e ao simbolismo do templo salomônico, seguia a concepção contemporânea de morada de uma divindade no Antigo Oriente, sendo esta um elemento comum aos templos na Síria Palestinense¹⁶⁰.

¹⁵³ Algumas evidências arqueológicas confirmam a carência dos israelitas em técnicas de construção e artesanato e confirma esta habilidade entre os fenícios desde o segundo milênio em lugares como Ras Shamra e B́́blos. Contudo, segundo Kell, isto não significaria que a obra do templo feita por mãos feń́cias, iria carecer de características israelitas (cf. KELL, Othmar. op. cit., p. 107). É importante destacar que este texto faz parte da edição josiânica da História Deuteronomista no séc. VII a.C e reflete a situação que predominava na época neo-asś́ria. (cf. RÖMER, Thomas. *A chamada história deuteronomista. Introdução sociológica, histórica e literária*. p. 102).

¹⁵⁴ Cf. LIVERANI, Mario. op. cit. pp. 309, 397-398.

¹⁵⁵ Segundo Gunneweg significaria “ele queira firmar” – em poder ou “ela (a coluna) queira firmar” – “nela há força”. (cf. GUNNEWEG, Antonius H.J. *Teologia Bíblica do Antigo Testamento. Uma história da religião de Israel na perspectiva bíblico-teológica*. p. 179). Segundo ALBERTZ “*el Firme*” e “*el Fuerte*” (cf. ALBERTZ Rainer. op. cit., p. 240).

¹⁵⁶ Cf. KELL, Othmar. op. cit., p. 157.

¹⁵⁷ Cf. Ibid., p. 132.

¹⁵⁸ Cf. ALBERTZ, Rainer. *História de La religion de Israel en tiempos del Antiguo Testamento*. vol 1 p. 239.

¹⁵⁹ Cf. KELL, Othmar. *La iconografia del Antiguo Oriente y el Antiguo Testamento*. p. 161.

¹⁶⁰ Cf. ALBERTZ Rainer. op. cit., pp. 239-240.

O templo salomônico com sua estrutura denotava uma separação da divindade com o humano expressa pelos seguintes pontos¹⁶¹:

- a) a forma de participação do povo nas celebrações cúlticas, onde o mesmo ficava restringido apenas ao átrio exterior, enquanto YHWH, o Deus libertador, ficava dentro do templo em seu santuário.
- b) as colunas do pórtico que levavam os nomes יָכִין (yākîn) “o firme” e בֶּעַז (bôʿaz) “o forte” expressavam simbolicamente a inacessível majestade de YHWH.
- c) o *debir* vinculava YHWH ao templo como sua habitação, onde estavam os dois querubins formando um trono, que devido a sua altura simbolizavam a magnitude de YHWH.

3.2. Teologia do templo salomônico

Os sacerdotes da corte descendiam provavelmente de dois sacerdotes que foram instituídos por Davi: Abiatar, que descendia da família de Eli e oficiava em Siló no santuário da arca da aliança, sendo que era um velho conhecido de Davi (cf. 1Sm 14,3; 22; 23,9); o outro era Zadok (cf. 2Sm 8,17) que, embora sendo provavelmente um antigo sacerdote Jebuseu, recebeu de Davi, e depois com Salomão, não só a primazia mas o monopólio do sacerdócio, como forma intencional de validar a reconciliação das tradições cúlticas pré-israelitas de Jerusalém com a antiga religião javista¹⁶².

Como o culto ficou oficializado pela dedicação do templo salomônico, surgiu então a necessidade de construir uma teologia oficial para o mesmo. A concepção teológica feita pelos sacerdotes (os zadoquitas) e teólogos (profeta Natan) da corte, que eram oriundos de ambiente jebuseu, elaborada através de um sincretismo oficializado pela monarquia, estava embasada em dois pontos: a realeza de YHWH e Jerusalém como cidade de YHWH. Estes pontos, elaborados pelos teólogos da corte, seriam concepções cananeia e israelita, que mescladas, dariam fundamento para a religião javista, que respondendo às transformações políticas e sociais haviam levado a monarquia¹⁶³.

¹⁶¹ Ibid., pp. 240-241.

¹⁶² Cf. ALBERTZ Rainer. *História de La religion de Israel en tiempos del Antiguo Testamento*. vol 1. pp. 234-235

¹⁶³ Cf. ALBERTZ Rainer. op.cit., pp. 241-242.

3.2.1. Realeza de YHWH

A concepção a respeito da realeza de YHWH no período monárquico reveste-se de grande relevância, devido à implantação de um culto oficializado em Jerusalém. Apesar desta concepção não ter sua origem comprovada antes da monarquia, o título **יְהוָה צְבָאוֹת**, que está vinculado à concepção da realeza de YHWH, tem sua origem provavelmente no santuário de Siló, e está estritamente vinculado à arca da aliança (cf. 1Sm 4,4; 2Sm 6,2).

É a este título que, no séc. VIII a.C, Isaías, em sua visão vocacional, faz referência (cf. Is 6,1ss.), provando que o mesmo estava estritamente conectado com a realeza de YHWH.

O título **יְהוָה צְבָאוֹת** possuiu concepções militares (cf. Js 5,13-15) e administrativas (cf. 1Rs 22,19ss). Refere-se a uma assembleia divina (cf. Sl 82,1) e ao conselho do Reino (cf. Sl 89,8; Jr 23,18; Jó 1,6ss; 15,8). Esta concepção, na antiga mitologia ugarítica, está vinculada ao deus EL¹⁶⁴. Assim como o Rei tem poder sobre funcionários e subordinados, da mesma forma é o exército de seres celestes que cumprem as ordens e a vontade de YHWH.

Esta concepção oferece¹⁶⁵:

- a) fortalecimento do poder político da monarquia que é mantido e justificado para os descendentes de Davi.
- b) uma conexão com o mundo dos deuses cananeus das nações com as quais Israel mantinha contatos culturais, políticos e econômicos.

A concepção mítica de “rei dos deuses” que se aplicava aos deuses do Antigo Oriente Amon (-Re) no Egito e Marduk na Babilônia, é aplicado a YHWH, que passa a ser o Deus único e soberano entre outros deuses. Isso não quer dizer que houve em Israel um Panteão de deuses, mas YHWH era venerado, por insistência dos profetas,

¹⁶⁴ Cf. DEL OLMO LETE, G. *Mitología y religión del Oriente Antiguo. Semitas occidentales (Emar, Ugarit, Hebreos, fenícios, Arameos, Árabes)*. p. 239. El e Baal eram as divindades mais importantes do panteão cananeu. El recebia atributos de Rei e presidente de uma assembleia divina, pai dos deuses, criador de homens e deuses, sábio, santo e amigo. (cf. FOHRER, Georg. *História da Religião de Israel*. p. 163. (cf. DEL OLMO LETE, G. *Mitología y religión del Oriente Antiguo. Semitas occidentales (Emar, Ugarit, Hebreos, fenícios, Arameos, Árabes)*. p. 242).

¹⁶⁵ Cf. ALBERTZ *História de La religion de Israel en tiempos del Antiguo Testamento*. vol 1. pp. 242-245.

como Deus único. YHWH como Rei tem agora superioridade diante de outros deuses¹⁶⁶.

Com esta soberania, YHWH é o que preside a assembleia divina (cf. Sl 82; 89) sendo assim o maior em poder comparado aos outros deuses (cf. Sl 95,3) e aquele ao qual se prostam em sinal de reverência (cf. Sl 29; 97,7). YHWH também é concebido Rei eterno, como aparece em alguns salmos (cf. Sl 29; 93). YHWH, como soberano, é superior aos demais deuses, é eterno, domina o caos (cf. Sl 74,13; 89,10; Jó 26,12; Is 27,1) e é aclamado como Deus das nações (cf. Sl 47,9), colocando YHWH em ação na área política.

Estas concepções teriam sido elaboradas pelos teólogos da corte, sendo oriundas das experiências de libertação vividas antes da monarquia e que se juntaram às vitórias de Davi sobre os povos vizinhos para dar provas da soberania de YHWH¹⁶⁷.

3.2.2.

Jerusalém cidade de YHWH

A primitiva religião javista concebia YHWH como libertador, agora com o templo esta concepção é modificada pelos teólogos da corte que vincularam YHWH com Jerusalém. Isto ocorre com o traslado da arca da aliança¹⁶⁸.

Em alguns salmos¹⁶⁹, há a demonstração do vínculo de YHWH com Jerusalém e ficam claras as pretensões dos teólogos da corte em vincular YHWH com um determinado lugar. Dessa forma é elaborada uma tradição salvífica totalmente diferente da crença do javismo pré-monárquico que relacionava YHWH com seu povo. Essa nova tradição salvífica passa a relacionar YHWH com a cidade de Jerusalém, que passa a ser o centro do “mundo”, devido à concepção mítica de Sião como morada da divindade¹⁷⁰.

Ao que tudo indica, o conjunto das concepções de Jerusalém como cidade de Deus e as ideias religiosas concernentes à arca e aos querubins, solidificaram a tradição de Sião no Antigo Testamento¹⁷¹.

Pode-se perceber, portanto, que o templo salomônico, influenciado pelas simbologias religiosas, representou, devido à sua arquitetura, lugar de construção e

¹⁶⁶ Ibid., pp. 244-245. Cf. SCHMIDT, Werner H. *A fé do Antigo Testamento*. p. 231.

¹⁶⁷ Cf. ALBERTZ Rainer. op. cit., p. 247.

¹⁶⁸ Cf. ALBERTZ Rainer. *História de La religion de Israel en tiempos del Antiguo Testamento*. vol 1. pp. 250-251.

¹⁶⁹ Sl 46,5; Sl 48,3,9; Sl 76,2; Sl 87,1,3,5.

¹⁷⁰ Cf. ALBERTZ Rainer. op. cit., p. 252.

¹⁷¹ Cf. PREUSS, Horst Dietrich. *Teologia del Antiguo Testamento*. p. 82.

mobiliário, o lugar da habitação de YHWH. O templo é o que ligava o céu e a terra ou vice-versa. Através dele novas concepções religiosas foram inseridas na religião de Israel e permaneceram durante a monarquia de Judá.

3.3.

O Templo salomônico na história de Israel

O templo na História Deuteronomista (HD)¹⁷² no Livro dos Reis, ocupa posição de destaque onde em 1Rs 5-8 há o relato de sua construção e dedicação. Dentro da narrativa do Livro dos Reis, o reinado de Salomão é descrito com mais detalhes em relação aos reis subsequentes, devido a sua importância como construtor do templo. A importância do templo salomônico no Livro dos Reis mostra-o como o elemento pelo qual os reis do Norte e do Sul serão avaliados¹⁷³.

No dia da dedicação do templo salomônico a oração feita por Salomão (970-931 a.C) e a colocação da arca no *debir* (cf. 1Rs 8,1-13; 14-21) demonstram que entre a dinastia de Davi e o templo foi estabelecido um laço indissolúvel, pois YHWH, por causa do templo, escolhe a cidade de Jerusalém “dentre as tribos de Israel” (cf. 1Rs 14,21)¹⁷⁴. O templo não era autônomo, pois fazia parte do anexo do palácio real e era o local onde ficava o tesouro da monarquia¹⁷⁵.

Com o fim do reino unido, o primeiro monarca do Reino do Norte, Jeroboão I (930-910 a.C), funda dois santuários, um em Dã e outro em Betel, onde em cada um pôs um bezerro de ouro, para estabelecer uma concorrência ilegítima com o templo de Jerusalém (cf. 1Rs 12,25-33). Esta atitude de Jeroboão reflete sua preocupação acerca da consolidação e manutenção do novo reino, baseada em seu medo interior, justificado por três razões¹⁷⁶:

a) ausência de um santuário oficial, levando-o a acreditar que isso faria o povo voltar a Jerusalém;

¹⁷² A sigla HD será usada em substituição ao termo História Deuteronomista.

¹⁷³ A HD no Livro dos Reis está dividida em três partes: o reinado de Salomão (cf. 1Rs 1-11); a história de Israel e Judá até a queda do reino do Norte (cf. 1Rs 12-2Rs 17); e a história de Judá até o exílio e o fim da monarquia do sul (cf. 2Rs 18-25). (cf. RÖMER, Thomas. *A chamada história deuteronomista. Introdução sociológica, histórica e literária*. p. 101).

¹⁷⁴ Cf. RÖMER, Thomas. *A chamada história deuteronomista. Introdução sociológica, histórica e literária*. p. 101.

¹⁷⁵ Cf. LIVERANI, Mario. *Para além da Bíblia. História antiga de Israel*. p. 169.

¹⁷⁶ Cf. OLIVEIRA, Teresa Cristina dos Santos Akil de. *Os bezerros de Arão e Jeroboão: Uma verificação da relação intertextual entre Ex 32,1-6 e 1Rs 12,26-33*. PUC-Rio. Tese de Doutorado. pp. 96-99. Na nota 28 da página 96, a autora apresenta o pensamento de vários autores acerca da questão do medo de Jeroboão.

- b) conectado ao primeiro motivo estaria o temor do povo voltar-se para Roboão;
- c) e conectado ao segundo motivo estaria o medo de ser morto.

Por causa desta atitude, os monarcas subsequentes a Jeroboão serão acusados pelos autores da HD do “pecado de Jeroboão”, por terem seguido a sua atitude de apoiar o culto a outras divindades¹⁷⁷.

No Reino do Sul, os demais monarcas que sucederam Salomão são comparados a Davi e avaliados pela sua lealdade para com o templo salomônico e também pela atitude condenatória para com os outros lugares de culto, conhecidos como “lugares altos” (בְּמוֹת) (cf. 1Rs 15,3,11; 2Rs 14,3; 16,2; 18,3; 22,2)¹⁷⁸.

A avaliação da HD acerca dos monarcas durante o reino dividido dava-se pela sua atitude em relação à tolerância aos בְּמוֹת, que “competiam” com o templo salomônico como lugares de prestação de culto a outros deuses. Isto fazia com que houvesse uma violação do pacto que consistia na unicidade do culto a YHWH e sua centralização em Jerusalém, fazendo com que houvesse uma descentralização do culto em Jerusalém¹⁷⁹.

O templo salomônico ao longo de sua existência, passou por tentativas de reformas empreendidas pelos reis judaítas Joás (cf. 2Rs 12), Ezequias (cf. 2Rs 18) e Josias (cf. 2Rs 23), que não obtiveram sucesso prolongado e voltou-se à idolatria anterior, nos tempos do rei Acáz (cf. 2Rs 16,10-18), e com o rei Manassés sucessor de Ezequias (cf. 2Rs 21).

Quanto à reforma feita por Joás (836-798 a.C), o relato bíblico informa que foi aplicada à estrutura arquitetônica do templo, com recursos gerados pelas ofertas trazidas pelo povo (cf. 2Rs 12; 2Cr 24,1-19). Embora Joás tenha sido fiel a YHWH, as práticas

¹⁷⁷ Cf. RÖMER, Thomas. op. cit., p. 101. Ver também: 1Rs 15,26,33; 1Rs 16,19,26,31; 1Rs 22,53-54; 2Rs 3,3; 2Rs 10,29-31.

¹⁷⁸ Cf. RÖMER, Thomas. *A chamada história deuteronomista. Introdução sociológica, histórica e literária*. p. 101.

¹⁷⁹ Cf. LIVERANI, Mario. *Para além da Bíblia. História antiga de Israel*. p. 227. O termo בְּמוֹת deriva da expressão בְּמִדָּה que significa: *cume, local elevado, lugar alto, alto*. É um termo que de cem ocorrências, oitenta referem-se a um local de adoração. Os בְּמוֹת, eram locais legítimos e comuns, pois, antes da existência da monarquia e da adoração no Templo, Israel adorava nestes lugares. Como exemplo disso, pode-se citar que quando o tabernáculo de Siló estava em ruínas, a adoração era praticada nos בְּמוֹת dos quais Gibeão era o principal (cf. 1Rs 3,2ss). Outro exemplo é que Samuel oficiava e frequentava os בְּמוֹת (cf. 1Sm 9,12ss). Devido ao deuteronomismo, que condenava o culto nestes lugares por causa da lei de centralização de culto no Templo salomônico, os בְּמוֹת receberam referências pejorativas. Nos בְּמוֹת, havia uma tenda onde ficavam os vasos cúlticos e as porções dos sacrifícios que eram comidas (cf. 1Rs 12,31; 13,32; 2Rs 17,29; 23,19). A atividade cúltica ali desenvolvida consistia em: *queima de incenso, sacrifícios, refeições sacrificais, preces, prostituição e sacrifício de crianças*. (cf. MARTENS, Elmer A. *DITAT* pp. 188-189).

religiosas sincretistas continuaram com seus sucessores (cf. 2Rs 12,2-3; 2Rs 14,4; 2Rs 15,4; 2Rs 15,35).

Dentre estes, o relato bíblico chama a atenção quando diz respeito ao rei Acaz (743-727 a.C), que além de aderir às práticas religiosas do Reino do Norte, em troca de proteção, torna-se voluntariamente vassalo de Tiglate-Pileser III (745-727 a.C), soberano da Assíria, gerando, com essa atitude, um comprometimento no pagamento de tributos e adesão das práticas religiosas da Assíria incluindo a profanação do templo salomônico (cf. 2Rs 16).

Nota-se que a prática religiosa em Judá na Idade do ferro (1150-586 a.C) demonstrada através de achados arqueológicos, era variada e descentralizada, pois YHWH não era cultuado exclusivamente no templo salomônico. Ou seja, em Judá no séc.VIII a.C, a prática religiosa não se limitava ao templo salomônico, mas ocorria também nos clãs espalhados nas zonas rurais, que estavam dominados por relações de parentesco e praticavam ritos de fertilidade da terra, para obter bem estar para a família e santificação de possessões dos campos e pastos das aldeias¹⁸⁰.

Com isso nas zonas rurais se realizavam sacrifícios em santuários residenciais, em sepultura de familiares e em altares ao ar livre. Porém, estas variadas práticas religiosas e os lugares altos de culto nas zonas rurais demonstram que YHWH era venerado junto com outras divindades de deuses e deusas, conhecidos por uma tradição intemporal dos colonizadores de Judá, não sendo, portanto, uma apostasia da fé javista¹⁸¹.

Embora não existam provas arqueológicas dos “lugares altos”, que ficavam ao ar livre ou cima de colinas, o que se pode afirmar é que o culto sincretista realizado nas zonas rurais era muito popular, pois achados arqueológicos mostram que havia imagens de deusas da fertilidade nuas que datam da época da monarquia em Judá. Mas, este tipo de culto não ficou limitado à zona rural, sendo, portanto, praticado em Jerusalém no templo salomônico, onde YHWH era venerado junto com Baal, Asherá, as hostes celestiais e divindades dos países vizinhos que foram inseridos na religião israelita por Salomão como Astarte deusa dos sidônios, Camos, deus dos moabitas, e Melcom, deus dos amonitas (cf. 1Rs 11,5; 2Rs 23,11)¹⁸².

¹⁸⁰ Cf. FINKELSTEIN, Israel. SILBERMAN, Neil Asher. *La Biblia desenterrada. Una nueva visión arqueológica del antiguo Israel y de los orígenes de sus textos sagrados*. pp. 264-265.

¹⁸¹ Cf. FINKELSTEIN, Israel. SILBERMAN, Neil Asher. op. cit., p. 265.

¹⁸² Ibid., p. 266.

Todavia, nota-se que, essas práticas religiosas sincretistas, que foram permitidas por Acaz no séc.VIII a.C e por outros reis judaítas, foram na verdade tradições religiosas das zonas rurais que não foram freadas por seus governantes¹⁸³.

O reinado de Ezequias em Judá (727-698 a.C), substituindo seu pai Acaz, é vista pelo escritor bíblico com sucesso sem precedentes, pois, Ezequias **fez o que era reto perante YHWH...confiou em YHWH...se apegou a YHWH** (cf. 2Rs 18,3-6).

Devido à sua fidelidade à YHWH, Ezequias programa uma tentativa de reforma de cunho religioso, com o objetivo de instaurar no templo salomônico o culto exclusivo e legítimo à YHWH.

Esta tentativa de reforma poderia estar baseada na sua intenção de provocar um êxodo da população rural para as cidades fortificadas, com a intenção de proteger a população, devido à iminência de um esperado ataque assírio, provocando com isso um rompimento com as tradições religiosas do campo¹⁸⁴.

Sendo assim, a reforma religiosa de Ezequias foi limitada à proibição de cultos nas zonas rurais, mas sem que houvesse o fechamento de templos estatais e centros de administração do reino, pois na época de Ezequias, Judá era o centro do povo de Israel, Jerusalém o local oficial de culto e a dinastia davídica os verdadeiros representantes do governo de YHWH sobre a terra¹⁸⁵.

Após a morte de Ezequias, segundo o relato de 2Rs 21,1-18, Manassés (698-642 a.C) assume o trono e não dá continuidade a reforma empreendida por seu pai. Além de ser um vassalo leal da assíria, fez com que a idolatria retornasse à Judá de tal forma que até o templo salomônico foi novamente profanado com as práticas religiosas da Assíria, como colocação de altares aos outros deuses. Com a morte de Manassés, seu filho Amon (641-640 a.C) assume o trono e segue a conduta de seu pai (cf. 2Rs 21,19-22).

Após um curto reinado, Amon, que foi morto por um golpe de estado frustrado, cujos conspiradores foram mortos pelo “povo da terra”, é substituído por Josias (639-609 a.C) que assume o trono de Judá com apenas oito anos de idade apoiado pelo “povo da terra” (cf. 2Rs 21,23-24).

¹⁸³ Cf. FINKELSTEIN, Israel. SILBERMAN, Neil Asher. *La Biblia desenterrada. Uma nueva visión arqueológica del antiguo Israel y de los orígenes de sus textos sagrados*. p. 266.

¹⁸⁴ Cf. BRUALIK, *Das Buch Deuteronomium*, p. 132; *Deuteronomium 1-16,17*, p. 10. LOHFINK, Nobert SBAB 12, p. 21, in apud KRAMER, Pedro. *Origem e Legislação do Deuteronomio. Programa de uma sociedade sem empobrecidos e excluídos*. p. 18.

¹⁸⁵ Cf. FINKELSTEIN, Israel. SILBERMAN, Neil Asher. *La Biblia desenterrada. Uma nueva visión arqueológica del antiguo Israel y de los orígenes de sus textos sagrados*. pp. 274-275.

Este jovem monarca ocupou uma importante posição na história de Israel, pois, no décimo oitavo ano de seu reinado (622 a.C) mandou com os recursos do Estado, implementar uma reforma no templo salomônico.

O texto bíblico não dá detalhes sobre esta reforma no templo, porém parece ser plausível que os detalhes acerca da reforma que sofreu o templo salomônico na época de Josias tenham sido obscurecidos pela historiografia posterior, de modo que pudesse mostrar a inalterabilidade do templo fundado por Salomão, apesar das histórias de saques e destruições. Embora não se tenha provas arqueológicas do templo salomônico, é hipótese plausível dizer que o templo que os repatriados tinham em mente na época de Ageu (cf. Ag 2,3) fosse, em sua estrutura arquitetônica, o templo sob a época de Josias, dada a sua importante reforma¹⁸⁶.

Esta reforma arquitetônica foi mais além e tornou-se uma reforma de cunho religioso, que alcançou o território do desaparecido Reino do Norte (cf. 2Rs 23,15-20).

A reforma religiosa em Judá foi feita por Josias com base no “Livro da Lei de YHWH” encontrado durante as obras de reforma dentro do templo salomônico pelo sumo sacerdote Helcias (cf. 2Rs 22,8). Este o entregou a Safã o secretário do Rei Josias, que, após ouvir a leitura do Livro, foi tomado de grande temor, quando percebeu que as suas prescrições não estavam sendo cumpridas, por isso mandou consultar a profetisa Hulda a respeito das palavras contidas no “Livro da Lei” (cf. 2Rs 22,8-20). Após esse evento tem-se início às medidas concernentes a reforma religiosa em Judá¹⁸⁷.

Este “Livro da Lei”, que dá base à reforma religiosa de Josias, seria a primeira versão do Livro do Deuteronômio (Dt 12-26*) que foi iniciado no séc.VII a.C antes ou

¹⁸⁶ Cf. LIVERANI, Mario. *Para além da Bíblia. História antiga de Israel*. pp. 223-224.

¹⁸⁷ Este relato a respeito do encontro do “Livro da Lei” insere-se na literatura antiga ao motivo do encontro de livros que, na verdade, é usado pelo monarca para legitimar mudanças no campo religioso, político e econômico. A sua origem é encontrada nos santuários mesopotâmicos em depósitos de tabuinhas de fundação para serem redescobertas pelos reis posteriores. Da mesma forma na literatura egípcia que relata no livro dos mortos que o capítulo 64 foi encontrado no templo do deus Sokaris. Em inscrições babilônicas os relatos de descoberta de livros seguem o seguinte padrão: um monarca quer fazer mudanças políticas ou culturais e teme oposições, então, ele envia um de seus servos a um lugar sagrado e lá neste local ele acha um escrito de origem divina que dá impulso e legitimação às mudanças desejadas. O relato do encontro do “Livro da Lei” em 2Rs 22 parece indicar que os autores ou compiladores recorreram à mesma convenção literária do cilindro de Sippar, onde relata-se que Nabonides queria reconstruir o templo de Ibara, dedicado a Shamash. É mister dizer que 2Rs 22-23 passou por edições em estágios sucessivos. Os estratos de 2Rs 22,1-7*, 9,13aα; 23,1,3-15*,25 αα fazem parte da edição no período assírio, pois fazem alusão à supressão às práticas culturais assírias e centralizam o culto à YHWH no templo de Jerusalém; A restauração do templo; a consulta à profetisa Hulda, o julgamento anunciado em 2Rs 23 fazem parte do estrato redacional após 587 a.C, para explicar a ruína de Judá e Jerusalém; já o motivo do encontro do Livro da Lei insere-se no período Persa (cf. RÖMER, Thomas. *A chamada história deuteronômica. Introdução sociológica, histórica e literária*. pp. 57-59, 61).

até durante o seu reinado, por uma “escola deuteronomista”¹⁸⁸, formada por altos funcionários da corte em Jerusalém¹⁸⁹.

Seria possível, portanto, postular a primeira versão do Livro do Deuteronômio antes de Josias com base na situação histórica sob Ezequias, onde já havia uma atividade literária (cf. Pr 25,1) no final do séc.VIII a.C, quando Judá fica reduzido a cidade estado de Jerusalém. Nesta época, teria início uma legislação cúltica que centralizaria o culto no templo de Jerusalém. Desta maneira, diante de uma situação caótica criar-se-ia uma forma de unidade através do templo salomônico. Esta legislação cúltica seria o “Livro da Lei” que por causa das perseguições de Manassés (cf. 2Rs 21,16), foi escondido e esquecido no templo, sendo então encontrado em 622 a.C¹⁹⁰.

Este “Livro da Lei” teria, em seu conteúdo, uma formulação de leis sobre a centralização do culto no templo salomônico e a condenação dos cultos idólatricos. Assim, a reforma empreendida por Josias teria como pilar central a “ideologia da centralização” do culto, pois seus atos parecem estar em consonância com às prescrições do Deuteronômio¹⁹¹:

- a) Dt 12,2-3 e 2Rs 23,6,14, cumpre-se a lei acerca da destruição de outros lugares de culto;
- b) Dt 17,1-3 e 2Rs 23,4-5, cumpre-se a lei acerca de atitude idólatrica;

¹⁸⁸ Segundo Finkelstein, a “escola deuteronomista” surgiria no final do séc.VIII a.C com a ideologia condenatória aos cultos idólatras praticados nas zonas rurais. Não se tem ao certo quando surge essa ideologia que aparece expressa nos ciclos de Elias e Eliseu e também nos profetas Amós e Oséias. Contudo, duas respostas podem sugerir a sua origem. A primeira aponta para um provável surgimento no meio sacerdotal e profético nos últimos dias do Reino do Norte, que após a sua queda, foram para o sul (Judá) levando consigo esta ideologia. A segunda seria colocá-la vinculada aos sacerdotes do templo de Jerusalém, que queriam exercer um controle econômico e religioso sobre as zonas rurais que ficavam mais desenvolvidas. Ou seja, a “escola deuteronomista” tinha por ideal uma unificação de Israel debaixo de um único rei que governaria em Jerusalém onde seria centralizado o culto a YHWH no templo salomônico. (cf. FINKELSTEIN, Israel. SILBERMAN, Neil Asher. op. cit. pp. 272-273). Para Römer, é mais plausível situar as origens da “escola deuteronomista” sob o reinado de Josias, pois, no final do séc.VII a.C, as circunstâncias históricas permitem afirmar uma atividade deuteronomista. (cf. RÖMER, Thomas. op. cit., p. 73).

¹⁸⁹ Cf. FINKELSTEIN, Israel. SILBERMAN, Neil Asher. op. cit. p. 309. Cf. RÖMER, Thomas. op. cit., pp. 52-53. De opinião contrária está KNAUF que argumenta com base numa análise histórica e social, a localização do Deuteronômio no séc.VI a.C durante o período babilônico. Para mais detalhes (cf. KNAUF, Ernest Axel. *Observations on Judah's social and economic history and the dating of the laws in Deuteronomy*. The Journal of Hebrew Scriptures. Vol 9 article 18. 2009. pp. 2-8). Para Gunneweg, o Deuteronômio deve ser situado no período pós-exílico, sendo este fruto de sua comunidade (cf. GUNNEWEG, Antonius H.J. *Teologia Bíblica do Antigo Testamento. Uma história da religião de Israel na perspectiva bíblico-teológica*. p. 303).

¹⁹⁰ Cf. KRAMER, Pedro. *Origem e Legislação do Deuteronômio. Programa de uma sociedade sem empobrecidos e excluídos*. p. 20.

¹⁹¹ Cf. RÖMER, Thomas. *A chamada história deuteronomista. Introdução sociológica, histórica e literária*. p. 56.

- c) Dt 18,10-11 e 2Rs 23,24, cumpre-se a lei acerca de sacrifícios humanos e formas de adivinhação;
- d) Dt 23,18 e 2Rs 23,7, cumpre-se a lei acerca de prostituição sagrada.

Mas, além desta ideologia, a “escola deuteronomista” também tinha como fundamentais os seguintes conceitos ideológicos¹⁹²:

- a) YHWH como único Deus;
- b) o pacto como base da relação entre YHWH e seu povo;
- c) o êxodo do Egito e a promessa da terra prometida;
- d) a conquista da terra através da guerra santa;
- e) fidelidade à YHWH e a sua Lei;
- f) o templo salomônico como lugar único de culto, pois o nome de YHWH mora ali e por isso deve ser isento de manifestações a outros deuses e à suas imagens.

De todos estes conceitos destacam-se dois. O primeiro é o que diz respeito ao pacto como base da relação entre YHWH e seu povo. Este conceito demonstra uma correta memória acerca da escravidão no Egito, a importância do controle político sobre Canaã e a fidelidade que deverá ser mantida para que se tenha autonomia política. O segundo diz respeito ao templo salomônico, que é o ponto central da reforma josiânica¹⁹³.

O templo além de ter passado por reformas foi também purificado dos objetos cultuais de Baal, Asherá, do sol e da lua e outras divindades astrais. As mulheres que teciam telas para Baal e Asherá foram retiradas do templo e foram abolidos os cultos sexuais e sacrificais que envolviam crianças (cf. 2Rs 23,4-14)¹⁹⁴.

A reforma josiânica, com base na ideologia da centralização, proporcionou mudanças significativas, pois impôs uma adoração a um único Deus, ou seja, YHWH; um único local de culto, no templo salomônico; e unicidade de culto. Estas mudanças dependiam da eliminação dos outros lugares de culto (cf. 2Rs 23,4-14) que foram eliminados de Jerusalém e de todo o território de Judá¹⁹⁵.

Outro ponto que chama a atenção na reforma josiânica foi a instituição da celebração da Páscoa que difere da celebração em Êx 12, onde a Páscoa era uma festividade pastoril com refeições sacrificais de cordeiro e pães ázimos, relacionada à volta da migração na lua cheia da primavera. A celebração da Páscoa instuída por Josias

¹⁹² Cf. LIVERANI, Mario. *Para além da Bíblia. História antiga de Israel*. pp. 222-223.

¹⁹³ Cf. LIVERANI, Mario. op. cit. p. 223.

¹⁹⁴ Cf. LIVERANI, Mario. *Para além da Bíblia. História antiga de Israel*. p. 224.

¹⁹⁵ Ibid., pp. 223-224.

foi de acordo com o que está escrito no “Livro da aliança” (cf. 2Rs 23,21-23) que, se refere às festas anuais (Páscoa, Pentecostes e Tabernáculos) celebradas em Jerusalém (cf. Dt 16,1-8). Esta celebração parece ter a intenção de transformá-la em uma festa de peregrinação com o intuito de trazer um número maior de pessoas para o templo de Jerusalém¹⁹⁶.

A reforma empreendida por Josias, por ter sido a mais bem sucedida e completa, parece formar implicitamente um paralelo entre Josias (o rei reformador) e Salomão (o rei construtor)¹⁹⁷. Contudo, após a sua prematura morte em 609 a.C, em Meguido, pelo faraó Necao II (cf. 2Rs 23,29-30), Judá com os reis subsequentes cai novamente na apostasia sofrendo com isso o juízo de YHWH quando a Babilônia em 587 a.C destrói Jerusalém com seu templo, iniciando assim um novo e catastrófico capítulo da história de Israel, o exílio, que irá durar cerca de 49 anos (587-538 a.C)¹⁹⁸.

Após este período, acrescentado de cerca de 18 anos, surge o profeta Ageu diante das ruínas do templo salomônico, pregando a uma comunidade desanimada diante da situação econômica e religiosa e que, por causa do exílio havia perdido as esperanças. Este profeta vem com uma mensagem de esperança vivificada pela reconstrução do templo que será o fator de mudanças para a comunidade de repatriados.

¹⁹⁶ Cf. LIVERANI, Mario. *Para além da Bíblia. História antiga de Israel*. p. 224.

¹⁹⁷ Cf. RÖMER, Thomas. *A chamada história deuteronomista. Introdução sociológica, histórica e literária*. p. 101.

¹⁹⁸ Embora o texto de Dn 9,2 referindo-se a profecia de Jr 25,11-12; 29,10, indique a duração de 70 anos do exílio babilônico, é preciso ficar claro que a profecia de Jeremias refere-se ao domínio babilônico que se fortaleceu após o colapso do império assírio em 609 a.C. Portanto, o período de 70 anos refere-se ao período de 609 a.C até o ano de 539 a.C, quando o império babilônico é conquistado por Ciro o persa. (cf. LIVERANI, Mario. *Para além da Bíblia. História antiga de Israel*. p. 309).